

Figueiredo vê sinais de mudança entre credores

O presidente João Figueiredo entende que as manifestações de apreensão reveladas durante a recente reunião dos líderes dos países desenvolvidos, em Londres, são um sinal de que eles já entenderam que o problema dos países devedores deve ser encarado em profundidade pelos credores.

A informação foi prestada ontem pelo embaixador da Argentina no Brasil, Hugo Caminoa, que não limitou aos aspectos protocolares a audiência de despedida do presidente, antes de assumir a subsecretaria geral de assuntos jurídicos da OEA.

"Antes de mais nada, eu vim manifestar ao presidente João Figueiredo a minha admiração pelo seu trabalho em prol da abertura política do país e agradecer o espírito amistoso com que ele encarou os problemas da Argentina, em particular no episódio da guerra das Malvinas", afirmou Caminoa.

O embaixador argentino revelou que Figueiredo tem mantido sempre contatos telefônicos com o presidente Raul Alfonsín, e disse esperar um encontro entre os dois presidentes antes que Figueiredo deixe o governo em 15 de março próximo.

Reuniões

Os ministros Saraiva Guerreiro, das Relações Exteriores; e Ernane Gal-

vêas, da Fazenda, estiveram reunidos na terça-feira, no Itamaraty, das 20 às 22 horas. Estavam presentes também os embaixadores José Botafogo Gonçalves, chefe da Área Externa da Seplan, e Tarcício Marciano da Rocha, também da Área Externa do Ministério da Fazenda. O ministro Delfim Netto, que naturalmente participaria do encontro, viajou para o Rio para falar ontem na Escola Superior de Guerra (ESG), o que justificaria sua ausência.

O porta-voz do Itamaraty, Bernardo Pericás, não informou detalhes da reunião, dizendo apenas que o objetivo foi tratar da agenda brasileira na Conferência de Cartagena, a realizar-se nos próximos dias 21 e 22, na Colômbia. Ele disse que outros encontros de ministros ocorrerão para tratar do assunto, sem no entanto dizer datas. Pericás afirmou que não é intenção dos promotores da conferência de Cartagena de reunir um número muito grande de Países, o que — na sua opinião — acabaria por torná-la "impraticável", devido à complexidade do tema a ser debatido.

Mas não descartou a possibilidade de outros países tomarem assento nas discussões, "se quiserem" aderir. Por outro lado, o Itamaraty procura não estimular muito alarde em torno de Cartagena.